



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE POLÍTICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

LETÍCIA PATRÍCIA DA SILVA

**RELAÇÕES DE PODER ENTRE ESTUDANTES E PROFESSORES DO CURSO
DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

Recife

2023

LETÍCIA PATRÍCIA DA SILVA

**RELAÇÕES DE PODER ENTRE ESTUDANTES E PROFESSORES DO CURSO
DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para a obtenção do
título de licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 03/05/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Sandra Montenegro Silva Leão (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Eliana Borges Correia de Albuquerque (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Auxiliadora Maria Martins da Silva (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

RELAÇÕES DE PODER ENTRE ESTUDANTES E PROFESSORES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

POWER RELATIONS BETWEEN STUDENTS AND TEACHERS OF THE PEDAGOGY COURSE AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PERNAMBUCO

Letícia Patrícia da Silva¹
Maria Sandra Montenegro Silva Leão²

Resumo

Esta pesquisa surge com o objetivo de investigar a qualidade das relações entre professores e estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. Investigamos como as relações entre estudantes e professores são percebidas pelos estudantes e discutimos fragilidades e estratégias presentes nas referidas relações. Tais questões se inserem no âmbito das relações de poder como anunciadas no pensamento de Foucault. É nessa perspectiva que situamos a discussão sobre as relações de poder que perpassam todo corpo social, estando presente nos relacionamentos interpessoais, inclusive entre professores e estudantes, diante da análise realizada, evidenciamos a existência de relações hierárquicas e assimétricas apesar de haver o princípio de educação democrática na instituição.

Palavras-Chave: Poder; Educação; Relação entre professores e estudantes.

Abstract

This research arises with the objective of investigating the quality of the relations between teachers and students of the Pedagogy course of the Federal University of Pernambuco. We investigate how the relationships between students and teachers are perceived by students and discuss weaknesses and strategies present in these relationships. Such questions fall within the scope of power relations as announced in Foucault's thought. It is in this perspective that we situate the discussion about the power relations that permeate every social body, being present in interpersonal relationships, including between teachers and students, before the analysis carried out, we evidence the existence of hierarchical and asymmetric relations despite the principle of democratic education in the institution.

Keywords: Power; Education; Relationship between teachers and students.

¹ Concluinte do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: leticia.patricia@ufpe.br

² Professora do Departamento de Departamento de Políticas e Gestão da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, tendo sido orientadora do primeiro autor deste artigo. E-mail: sandra.montenegro@yahoo.com.br

1 Introdução

Ao vivenciar as metodologias abordadas no Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco deparei-me com a questão fundamental deste trabalho: "qual é a qualidade das relações interpessoais entre estudantes e professores?", diante desta questão, buscamos analisar as divergências de poder entre estudantes e professores, e apresentar conclusões sobre as relações entre tais indivíduos no ambiente de ensino.

Tendo como referência as relações de poder no referido meio social, observando o ambiente e a interação dos professores e alunos, este documento abordará como as relações de poder repercutem nas interações entre docentes e discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), observando a qualidade das relações estabelecidas, de modo a indicar as consequências e alcances das relações de poder.

Para o filósofo francês Michel Foucault (1979), o poder caracteriza-se como uma prática social constituída historicamente, configurando-se em relações e práticas, logo, é algo que funciona nas relações, exercendo-se. Este poder pode ser observado nos controles disciplinares exercidos nas diversas relações sociais, como na relação entre estudantes e professores. É através dessas interações que os referidos agentes podem deparar-se com consequências, podendo estas serem positivas e/ou negativas, que se originam a partir dos contatos relacionados às relações de poder.

Desta maneira, o presente trabalho versará sobre o que Michel Foucault concebe como poder, por conseguinte, esta concepção foucaultiana é relacionada à educação formal, associado aos pensamentos de teóricos pós-estruturalistas como Sílvio Gallo, Alfredo Veiga Neto, e de Moacir Gadotti, relacionado à perspectiva da teoria crítica.

Esta análise será apresentada como um resultado de pesquisa, de modo a desenvolver de forma descritiva os argumentos obtidos através da pesquisa de campo realizada, com base nas análises argumentativas de Michel Foucault, a fim de identificar como as relações de poder repercutem nas interações entre estudantes e professores.

De acordo com a metodologia utilizada, os resultados da pesquisa serão apresentados observando como os estudantes egressos do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco percebem as relações de poder em seus processos formativos, evidenciando como os mesmos percebem as relações interpessoais estabelecidas entre professores e estudantes, as quais serão apontadas também nas considerações finais desta pesquisa.

2 Revisão de Literatura

2.1 O tratamento do conceito de poder em Foucault

Em toda sua produção intelectual, o filósofo Michel Foucault nunca produziu uma obra que versasse sobre o poder exclusivamente, apesar disso, o mesmo faz algumas considerações importantes acerca deste em obras como "Microfísica do poder" e "Vigiar e punir". Ao realizar estudos que versam sobre essa temática, buscando observar como os problemas de constituição dos objetos e dos domínios poderiam ser resolvidos no interior de uma trama histórica, o autor desenvolveu em seu quadro metodológico uma nova abordagem que chamou de "genealogia", sendo esta, uma investigação da constituição do sujeito, de forma a transcender o campo dos acontecimentos, ou seja, uma forma de análise histórica que incide sobre a constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto e etc. (FOUCAULT, 1979).

Para Foucault (1979), o poder diferentemente do que concebemos através do senso comum não é palpável ou tangível, este se caracteriza como uma prática social a qual é constituída historicamente, sendo esta, exercida nas mais variadas relações, de modo que, o poder está presente e perpassa toda a estrutura social ao passo em que se encontra difuso em toda a sociedade. Em detrimento disso, podemos constatar que não existe algo ou alguém que detenha o poder, pelo contrário, todos em certo grau ou medida, são perpassados pela ressonância dos efeitos do poder.

As sociedades ocidentais modernas caracterizam-se de duas formas, por um lado, há um movimento de concentração estatal, por outro, há uma

dissidência religiosa. Este movimento de concentração estatal designa um lugar de soberania ao Estado e a seu governante, o que por sua vez, se coloca sobre os demais membros da sociedade, uma forma de governar pautada na exterioridade em relação aos governados, sendo assim, pautada em uma relação de violência e coerção, à medida que indivíduos fogem às regras (im)postas. (FOUCAULT, 1979)

Diante do exposto, Foucault (1979) aponta que, à medida em que o Estado se pauta em uma relação de exterioridade, esta relação se torna frágil e sempre estará ameaçada, pois não há razões para que os indivíduos aceitem incondicionalmente tal governo. Em detrimento disto, o poder pode ser analisado como uma malha capilar de micro-poderes, sendo assim, um poder que se encontra na realidade concreta e cotidiana dos indivíduos, ou seja, um poder que se exerce sobre os próprios corpos dos indivíduos, influenciando e intervindo diretamente e materialmente sobre eles. Este poder se manifesta através do controle diário, sistemático, repetitivo e minucioso do comportamento cotidiano dos corpos. Com isto em vista, observa-se que:

O poder estende sua mecânica por toda a sociedade, capilariza-se, institucionaliza-se, corporifica-se nas técnicas de dominação, penetra no cotidiano, controla os corpos dos indivíduos, atuando no corpo social como micro-poder. Como está enredado em toda a estrutura social, qualquer luta contra o poder não pode ser feita fora deste. As resistências ao exercício do poder também se encontram espalhadas pela estrutura social, de forma móvel, dinâmica, relacional. (TELES; LAZARO, 2014, p.310)

Neste sentido, Foucault (1979) ressalta a importância de observar que o torna o poder aceito e o mantém é o fato de que ele não se manifesta somente como uma força opressiva de controle, mas sim o fato de que ele permeia, produz coisas, forma saberes, produz discursos, entre outros. A partir disso, pode-se então afirmar que o poder é como uma rede produtiva que atravessa todo corpo social muito além do que uma instância negativa que tem por função reprimir. Diante destas características, o autor busca nas organizações das instituições (como as prisões, o exército, os hospitais, as escolas, entre outros) compreender o funcionamento da sociedade contemporânea.

Observamos, conforme aponta Magalhães (2019), que o poder foucaultiano se forma e se manifesta como uma rede de relações, a qual envolve

e perpassa todos os indivíduos como receptores e geradores nessas relações, podendo estes atuar nas mais diversas áreas ou nos mais variados níveis da sociedade. Além disso, na modernidade, as formas instituídas de poder e controle social são ainda mais produtivas do que as formas manifestadas anteriormente.

2.2 Perspectivas de poder

Na concepção de Silvio Gallo (2004) observamos que há lugares onde o poder é distinto e outros que literalmente não existem, a exemplo disto, temos um rei e seus súditos, observamos que o poder do rei sobrepõe o poder dos súditos de forma unilateral. Um modo de governar indivíduos de modo a subjugá-los às regras impostas a eles pelo soberano. Nesse sentido, podemos observar uma instituição democrática formada por indivíduos eleitos para ficarem à frente de seus semelhantes, ao qual neste modelo tais indivíduos no momento estão no poder, porém, não são o poder. O poder é direcionado da base para o topo quebrando o padrão hierárquico de patriarcado.

Foucault (2004) declara que não pode visualizar apenas o aspecto negativo do poder, mas também sua produtividade, deixando ao lado o tratamento do poder como uma “coisa”, observando-o como um meio de “relação” entre os indivíduos, ações interpostas as quais se repassam entre classes, com isso observamos que:

Sendo uma ação sobre ações, pode-se afirmar que uma relação de poder não é uma forma nem de parceria (entre pares), nem de pleno consentimento (de uma parte à outra), mas sim de busca racional e agonística pela dominação racional (de uma parte sobre a outra), pela condução que uns tentam imprimir às condutas alheias. (VEIGA-NETO; RAGO, 2013, p.24-25)

Em consonância, Alfredo Veiga Neto e Margareth Rago (2013) apresentam uma perspectiva a qual o indivíduo que é submetido ao poder também o exerce, sendo assim, o poder o transpõe como um meio, formando a desinstitucionalização do poder, uma forma de descentralizar o poder das instituições, não interferido necessariamente de forma negativa, mas sim como um meio de utilização.

Logo, para Veiga Neto e Rago (2013), o poder se exerce como a imposição de um indivíduo sobre o outro, uma relação entre a parte submissa e a dominante, mesmo que venha de utilizar terceiro, mas que tenha um objetivo relacionado. De maneira objetiva temos uma instituição de ensino composta por diretores, coordenadores, professores e estudantes, de forma ao qual o diretor passa as regras a serem impostas aos alunos, nisso o poder é repassado dos diretores aos coordenadores para que os mesmos atuem da mesma forma repassando aos professores por fim chegando ao ponto que são os alunos. Neste modelo vemos o básico do poder relacional.

Nesta perspectiva, Gadotti (2003) ressalta que não se trata apenas do poder estatal ou relacional, mas sim do poder em sua amplitude, considerando suas múltiplas possibilidades, a instituição não distribui poder aos educandos, mas gera possibilidades para os mesmos ao aprender sobre assuntos abordados, estes começam a compreender os processos do ensino e aprendizagem.

2.3 Poder na educação

O poder em meio educacional, inicialmente temos que entender o conceito de educação, segundo Brandão (2017) a educação é um meio que dá forma e polimento ao sujeito, possuindo várias formas, cada uma delas sendo apenas uma porção distribuída na amplitude da sociedade, podendo alterar sua forma de acordo com vários fatores, como sua cultura, seu trabalho, suas crenças, entre outros.

Os seres humanos utilizam a educação como meio de disseminação do conhecimento, utilizando para a formulação de ideias, crenças e culturas, formando uma variedade de grupos sociais, a partir do processo de “ensinar-e-aprender” se tem um conceito simples do seu meio de propagação, um meio de capacitar seres com a finalidade de contribuição ao seu meio social (LIMA FILHO, TROMPIERI FILHO, 2012).

Na educação formal, há um princípio de educação democrática que segundo MOGILKA (2003) é formado pela combinação entre as práticas

pedagógicas e as estruturas sociais. Ao considerar as práticas pedagógicas tradicionais o autor argumenta que:

A chamada educação tradicional (na verdade, práticas tradicionais), tão forte ainda em nossa educação, não é e jamais será democrática, pois os seus fundamentos filosóficos e o seu método são antiparticipativos e excessivamente centralizadores - portanto, anti-democráticos na essência. (MOGILKA, 2003, p.21)

A partir disto, surge o questionamento de como formar uma sociedade democrática com uma prática educacional antidemocrática? Atualmente no tocante à educação, a Constituição Federal Brasileira (1988), a qual caracteriza-se como uma política forte de caráter irrevogável, institui em seu art. 206 que as instituições de ensino deverão pautar-se em alguns princípios, sendo um destes a promoção de uma gestão democrática, conforme explicitado a seguir:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios;
VI - Gestão democrática do ensino público, na forma da lei; (BRASIL, 1988)

Além da Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (1996) reitera no art. 3 que o ensino deverá seguir os princípios de uma gestão democrática, preservando o direito e dever democrático na educação, conforme evidenciamos a seguir:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino; (BRASIL, 1996)

Lamentavelmente, tais regulamentações ainda não garantem a preservação dos direitos democráticos na prática cotidiana das instituições de ensino. Ainda se identifica a hierarquização nas relações interpessoais das comunidades escolares.

Cardozo (2014) ressalta que, com a vinda do pós-estruturalismo muitas das oposições binárias, como filosofias deterministas do certo/errado, verdadeiro/falso, fato/hipótese, entre demais, foram atordoadas tornando as teorias filosóficas mais conceituadas a agirem de forma mais ordenada ao disseminar conhecimento, revelando que as filosofias deterministas deixaram de

ser um meio centralizado na produção do conhecimento e passaram a se expandir de forma descentralizada na sociedade.

Com ênfase no âmbito educacional, este período de transição para a perspectiva pós-estruturalista transformou os conceitos fundamentais pedagógicos da instrução/aprendizado, diante deste processo de transformação, Cardozo (2014) ressalta que este movimento foi uma iniciativa de importância no meio educacional, ampliando os ideais para novos conceitos filosóficos, que antes eram pensados de modo negativo, passou a ser visto como um meio positivo para o processo de ensino e aprendizagem, além disso, o mesmo apresenta o conceito do processo de avaliação, este seria um meio para mensurar o conhecimento transmitido aos educandos de forma eficiente e objetiva, almejando mudanças sociais, formando interação entre conhecimento do saber e o poder.

Gadotti (2005) afirma que após esta descentralização do meio educacional, surgiram dois modelos de educação, uma delas foi a “educação formal” correspondida essencialmente pelas escolas e universidades, as quais se delimitam a apresentar um conhecimento específico aos seus educandos de maneira objetiva, com uma estrutura de poder hierárquico de forma a seguir uma padronização educacional fiscalizada por órgãos regimentais.

O outro modelo de educação que surgiu, segundo os apontamentos de Gadotti (2005) foi a “educação informal” sendo caracterizada de maneira mais distribuída, onde este modelo não precisa necessariamente seguir sequências para a mediação do conhecimento, com duração variável, podendo ou não conceder certificação, contudo a mesma ainda é organizada e sistemática. Por este último ser um modelo que se assenta no externo do sistema formal, muitos tendem a designar a educação informal como “educação não-formal”, sendo essa variação de denominação não aceita por alguns teóricos.

A partir das considerações relacionando o poder e a educação, Gallo (2002) traz à tona a discussão de “educação maior” e “educação menor”, para o autor, a primeira age como um poder hierárquico e politizado, seguindo parâmetros e diretrizes pré-definidas, sendo aquela instituída e que quer instituir-se, caracterizando-se através das políticas públicas, dos parâmetros e das diretrizes de educação vinculando-se à macropolítica.

Em contrapartida, a “educação menor” é vista como um ato de singularização e militância, ao passo em que opera como um meio de contrapor-se aos fluxos instituídos, como uma resistência em relação às políticas impostas, com intuito de evidenciar as diferenças, atuando no âmbito da micropolítica, expressa nas ações cotidianas de cada indivíduo, uma fragilidade no macro educacional. (GALLO, 2002)

3 Delineamento Metodológico

Desenvolvemos uma pesquisa aplicada de natureza qualitativa, pois conforme aponta Minayo; et al. (2007), ocupa-se com a realidade em um nível que não deve ou não pode ser meramente quantificado, e acrescenta que a pesquisa de caráter qualitativo:

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO; et al., 2007, p. 21)

Diante disso, temos como objeto de análise as relações de poder entre estudantes e professores do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Por considerarmos essa uma investigação essencialmente necessária, pressupomos que o Centro de Educação da UFPE, por ser um espaço de formação de professores, poderia ser propício para alcançarmos os objetivos propostos nesta pesquisa.

O procedimento técnico caracterizou-se através da pesquisa de campo, tendo como objetivos os tipos de pesquisa exploratório, o qual, segundo Almeida (2006), possibilita maiores informações e conhecimento do tema em questão, para isto, foi utilizado o instrumento metodológico de pesquisa bibliográfica visando atender os critérios de analisar aspectos teóricos relacionados às relações de poder entre estudantes e professores.

Além disso, a pesquisa também tem um cunho descritivo, por registrar informações de um determinado grupo social por meio da realização de coleta

de dados, a qual foi realizada através da aplicação de questionário com perguntas abertas, onde se busca alcançar o objetivo de identificar como os discentes percebem as relações de poder em seus processos formativos.

Foi selecionado o modelo de questionário aberto considerando que, este modelo pode proporcionar resultados subjetivos, de forma a atender os objetivos desta pesquisa. Conforme apresenta Fontanella, Campos e Turato (2006) sugerem que para dar início ao questionário com ênfase se deve ter um início forte, contemplando a primeira questão a ser abordada, chamando de “questão disparadora”:

Ela focaliza o trabalho de investigação, encorajando a geração de ideias, deve ser bem entendida para a resposta ser suficientemente desenvolvida. A pergunta não deve se referir a um assunto ambíguo, nem deve endereçar-se a um tópico sobre o qual o entrevistado não tenha habilidade emocional ou cognitiva para falar. A frase usada para focar o problema não deve ser muito geral, nem muito específica, impedindo desenvolvimentos que não tenham sido de interesse do entrevistador. (FONTANELLA; CAMPOS; TURATO, 2006, p. 13)

Para a realização da coleta de dados, buscamos realizar a questionário aberto com estudantes egressos do curso de pedagogia recém formados, com faixa etária entre 20 à 30 anos, alguns dos participantes atuavam juntamente à movimentos estudantis e buscavam ter participação ativa em relação às pautas estudantis. Hoje, os entrevistados atuam como professores no setor privado de ensino, mas permanecem com um olhar crítico aos acontecimentos em sua volta.

O processo de coleta de dados se deu através da ferramenta *google forms*³, que nos possibilitou realização do questionário de forma remota e assíncrona. Realizamos o envio da entrevista para 09 (nove) estudantes egressos, apesar disso, obtivemos respostas de apenas 05 (cinco) destes.

Acreditamos que a ausência de respostas esteja relacionada com o objeto de pesquisa, que trata de investigar as relações entre professores e estudantes. Muitos mantêm alguma espécie de vínculo com os docentes e talvez pensem que participando da pesquisa, eles estariam expondo-se de alguma forma.

³ *Google forms* é uma ferramenta de gerenciamento de pesquisas. Os usuários podem usar tal ferramenta para pesquisar e coletar informações sobre outras pessoas e também pode ser usada para questionários e formulários de registro. (GOOGLE WORKSPACE, 2023)

Apesar de haver presente o termo de consentimento na entrevista, garantindo que o uso das informações oferecidas é submetido estritamente às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, sendo assim, as respostas são tratadas de forma anônima e confidencial, de modo que em nenhum momento será divulgado os dados pessoais dos participantes em qualquer fase do estudo.

4 Apresentação e Análise dos Dados

Para a realização da análise do conteúdo deste trabalho, a técnica utilizada para interpretar os dados obtidos segue o método de Bardin (1977) que versa sobre as seguintes etapas de análise: pré-análise, exploração do material, inferências e interpretação. Para a interpretação dos dados, conforme sugere Minayo; et al. (2007), buscamos atribuir um nível de significância mais abrangente aos conteúdos analisados. Para isto, faz-se necessário “relacionar as estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados presentes na mensagem”, (Minayo; et al., p.91, 2007).

Diante disso, a inferência e interpretação dos dados foram feitas à luz dos objetivos e apresentada no formato de subseções na ordem de análise das respostas obtidas através da realização do questionário aberto.

4.1 Análise das entrevistas

Foram entrevistados 05 (cinco) estudantes egressos do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a fim de preservar a integridade dos participantes da pesquisa, iremos adotar nomenclaturas fictícias, os chamaremos de estudantes A, B, C, D, e E. As respostas serão analisadas de forma individual de maneira descritiva e relacional, as questões serão apresentadas em formato sequencial igualmente como foram enviados aos estudantes para estabelecer concordância na análise das respostas obtidas. A seguir daremos início à análise com a questão disparadora.

- **Questão 1** - Como você percebe a qualidade das relações entre professores e alunos do Centro de Educação (CE)? Descreva um pouco de seus relacionamentos com alguns professores.

Quadro 1 - Respostas Questão 1

Respostas	
A	Na maioria das vezes, os professores demonstram empatia para com os discentes, como ex aluna do CE, tive o imenso prazer de ter professores que contribuíram positivamente na minha trajetória acadêmica, dando suporte para que eu não desistisse do curso, mesmo diante das mais diversas dificuldades enfrentadas no decorrer da minha graduação, o que fortalece a qualidade na relação entre professores e alunos.
B	Em sua maioria, eu percebo uma qualidade boa, onde a gente consegue construir boas trocas. Eu sempre soube até onde ir para que os limites ficassem bem delimitados com minhas relações e os professores.
C	Acredito que, de maneira geral, existe um abismo entre docentes e discentes. De certa maneira, esse abismo vem sendo diminuído com o passar do tempo e com a preocupação de grande parte dos professores do centro em compreender a integralidade e realidade dos alunos. Minhas experiências com a maioria dos professores e professoras foi positiva. Em momentos difíceis fui vista, acolhida e compreendida por algumas docentes que conseguiram fazer bastante diferença na minha vida e me deram muito suporte para continuar.
D	Comparando com relatos de estudantes de outros centros, percebo que existe uma maior preocupação na relação professor - aluno dentro do CE. Acredito que por muitos se basearam em uma metodologia freiriana existe uma organização diferenciada (sala de aula em forma de U, dialogo entre os estudantes e os professores durante a aula) que permite uma maior troca. Tive durante a graduação contato com alguns professores que auxiliaram bastante durante o percurso.
E	De maneira geral percebo acessível. Alguns, fogem a essa realidade. Sendo arrogantes e pregando um discurso dicotômico, onde não existe verdade entre teoria e prática.

Fonte: Autoras, 2023.

Diante das respostas apresentadas, podemos observar que em relação às respostas apresentadas pelos estudantes A, C e D, estes indicaram que em momentos difíceis no seguimento de sua graduação obtiveram um apoio imprescindível dos professores, proporcionando um suporte em sua trajetória acadêmica, motivando o seu desejo de continuidade do curso. Foucault (2014) apresenta que o poder deixa de ser um “objeto” para se tornar uma “relação” entre os sujeitos, forjando um nível de profundidade, proporcionando um elo motivacional que fortalece a qualidade entre a relação professor e aluno.

Em relação à resposta do estudante B observamos que este relata ter uma relação mais formal com os professores, ao passo em que estipula limites entre a relação entre professor e estudante, visando não se envolver em conflitos, um modelo visto na educação formal, conforme aponta Gadotti (2005), onde o estudante preserva a hierarquia das posições na instituição respeitando os direitos delimitados.

O estudante E em contrapartida, aos anteriores, nos traz uma crítica relacional, apontando que apesar da maioria dos professores se apresentarem acessíveis à relação, há outros que fogem a essa realidade, sendo arrogantes ou estando em dissonância em relação a teoria (como se apresenta) e a prática (como se comporta). Diante do exposto, a maioria dos entrevistados, de modo geral, relatam ter tido uma relação positiva com os professores do Centro de Educação (CE), apesar de haver algumas ressalvas.

- **Questão 2** - A partir de suas vivências no Centro de Educação da UFPE, você considera que existe algum abuso de poder na relação professor-aluno?

Quadro 2 - Respostas Questão 2

Respostas	
A	Sim, com certeza.
B	Sim, é notório que há professores que abusam de seus alunos.
C	Tenho várias perspectivas a esse respeito. Acredito que, em alguns momentos, alguns docentes possam ultrapassar sim os limites de uma relação saudável com os discentes em prol do que acreditam ser o ideal. Falando a partir das minhas vivências, acredito que é possível que aconteça porque já ouvi muitos relatos de discentes sobre isso.
D	Sim, apesar da maior aproximação entre professores e alunos, ainda é possível perceber que muitos discursos não são vistos na prática.
E	Sim. Não podendo relacionar sendo uma realidade majoritária

Fonte: Autoras, 2023.

No tocante às respostas referentes à questão 2, observamos que todos os participantes responderam unanimemente que há uma espécie de abuso entre as relações. O abuso de poder do professor é uma violação séria da confiança e responsabilidade que são designadas a um educador. Ninguém deve se sentir inseguro ou humilhado na sala de aula ou no ambiente acadêmico, visto isso, é importante tomar medidas para garantir que essa violação de confiança seja abordada adequadamente.

Desta forma, as respostas apresentadas (quadro 2) destoam se comparadas às respostas referentes à primeira pergunta. Deste modo, se constata que apesar de haver um discurso que coloca as relações interpessoais

entre professores e estudantes em posição igualitária, se observa, a partir das respostas, que ainda há a predominância de uma relação de poder assimétrica.

Visto que, as respostas do grupo participante apontaram para fatores impeditivos de uma relação democrática, como: imposição de ideias, constrangimento de estudantes por parte de professores, desrespeito e geração de angústias nos estudantes. Isso nos leva a refletir sobre o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, o qual declara que:

A democracia e a educação necessitam-se e vivificam-se reciprocamente, uma vez que a educação e suas redes atuam como nutrientes da vida democrática. Assim, o propósito de qualquer proposta curricular para a formação de profissionais para atuar no campo educativo consiste em articular princípios, estruturas e práticas que evidenciem como formar os sujeitos para atuarem em uma esfera pública democrática. (UFPE, 2007, p. 10)

Na educação, a relação democrática se manifesta através do diálogo e da participação dos alunos e professores nas decisões pedagógicas e administrativas das instituições, promovendo um ambiente de aprendizagem colaborativo e respeitoso.

Uma relação democrática deve se comprometer com alguns valores importantes, como a equidade, a justiça, e a solidariedade (UFPE, 2007). Essas são algumas das características que definem uma relação democrática, no entanto, é importante lembrar que a democracia é um processo em constante construção, e que essas características podem variar de acordo com as circunstâncias e as necessidades das pessoas envolvidas.

- **Questão 3** - Você já presenciou alguma atitude injusta partida de algum(a) professor(a)? Exemplifique um caso.

Quadro 3 - Respostas Questão 3

Respostas	
A	Sim. Uma professora que estipulou um prazo abusivo para a entrega de um relatório da PPP e ainda expôs a aluna na frente de toda a turma durante a apresentação da pesquisa, por não ter cumprido esse prazo como planejado. A aluna teve uma crise de choro e a professora mesmo assim continuou com palavras grosseiras, ao ponto de toda a turma parar aquela aula e a aluna ter que se retirar da sala para se acalmar.
B	Sim, um professor de geografia já bateu o pé na sala de aula pra silenciar uma aluna, ele já fez os monitores dele ter que fazer algumas demandas dele de maneira rude.
C	Já sim. Em uma situação, durante uma aula, o professor estava dando feedbacks sobre a atividade solicitada e começou a comentar sobre a aparência de uma colega e perguntar as razões de aparência dela estar daquele jeito e sem ser solicitado ou questionado ficou sugerindo o que ela deveria fazer. Esse mesmo professor, em diversos momentos, não teve tato algum ao se referir as atividades de grande parte da turma e se comportava de uma maneira muito desagradável com todos. Em outra situação, outros docentes expuseram alunos em classe ou fizeram "brincadeiras" que não cabiam ao espaço da sala de aula.
D	Já presenciei algumas. Em uma das vezes a estudante estava passando por problemas familiares (doença de um familiar) e o seu baixo rendimento na disciplina foi exposto para a turma. Mas isso não acontece só quando é com um familiar, dentro do CE existem muitos estudantes que passam por uma série de problemas (depressão, ansiedade, crises) e os docentes esperam que a partir do momento que o aluno entre dentro da sala "se cure" das suas doenças, dores e problemas automaticamente.
E	Sim. Durante a cadeira de ppp5, o grupo de professores foram intransigentes e incompreensíveis. Julgando os alunos como irresponsáveis. A professora xxxxxx, inclusive, foi abusiva comigo. Colocando em xeque a minha "versão" da morte de minha sogra

Fonte: Autoras, 2023.

Em consonância com a questão anterior, nesta questão todos responderam que já presenciaram ou sofreram alguma injustiça por parte do corpo docente, uma forma de abuso de autoridade, Santos; et al. (2016) em seu artigo apresenta que essa conduta é considerada um autoritarismo por ser um abuso de ordem hierárquica sem consentimento. Os autores dialogam sobre o papel do docente, que conforme apontam, deve se colocar como um direcionador aos discentes, se apresentando como uma autoridade libertadora para o aluno a fim de promover sua autonomia, o qual não acontece de acordo com as respostas do questionamento apresentados no quadro 3.

Infelizmente, a recorrência de relações assimétricas em universidades é um problema que ainda persiste em muitos lugares. O poder pode ser usado como instrumento de coerção e intimidação, nas relações assimétricas podem acontecer de diversas formas, tais como: o desrespeito, a descredibilidade, a ofensa e em casos extremos, a censura e a perseguição a estudantes.

Uma das razões para a recorrência do abuso de autoridade em universidades pode ser a falta de diálogos e de projetos que incentivem o

trabalho conjunto entre estudantes e professores. Além disso, muitas vezes os casos de abuso de autoridade são silenciados ou minimizados por razões políticas, econômicas ou de poder. Diante disso, Gadotti (2003) aponta que:

[...] o educador consciente dos limites de sua ação pedagógica procura educar-se educando, aprender ensinando, sem renunciar ao risco de indicar um caminho. A falha fundamental de algumas pedagogias chamadas "não-diretivas" consiste exatamente nisso: na renúncia ao que é essencial à tarefa pedagógica. (GADOTTI, 2003, p. 77)

Portanto, o importante é a promoção de uma cultura de respeito, tolerância e diálogo nas universidades, através da educação e da conscientização. É fundamental que os estudantes e professores compreendam os limites do poder e os direitos e deveres de cada um, bem como a importância da diversidade e da inclusão na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

- **Questão 4** - Caso a resposta anterior tenha sido sim, qual é a sua atitude quando você se sente prejudicado por algum professor?

Quadro 4 - Respostas Questão 4

Respostas	
A	Como sou sensível, choro logo, mas também, não me calo diante da situação e tento procurar os meus direitos.
B	Eu sempre tento falar e bater de frente mesmo, como foi o caso do professor de geografia, onde na sala eu fui um dos porta vozes para acabar com essa situação.
C	Nas que presenciei, fiquei tão chocada no momento que nem soube como reagir, só depois...com a vivência na universidade é que fui aprendendo e descobrindo que existem as avaliações dos professores e que é possível se comunicar com a coordenação e direção do centro sobre esses assuntos (o que ainda não garante uma resolução rápida ou mediação da situação... mas, pelo menos existe). Em algumas situações, quando foi possível perceber esse tipo de comportamento durante o período de modificação de matrículas, mudei de turma/professor.
D	Na maioria das vezes eu colocava meu ponto de vista sobre aquela atitude, demonstrando o incomodo e que não achava correto. No entanto, se colocar "contra" um professor ainda é motivo de muito medo para os estudantes, medo de serem prejudicados, perseguidos... então já presenciei estudantes que não se envolviam com receio de sofrerem alguma consequência.
E	Na última aula coloquei toda a minha angústia, deixando claro o quanto me senti desrespeitada

Fonte: Autoras, 2023.

De acordo com o quadro 4, todos os estudantes se sentiram injustiçados, procurando de alguma forma recorrer aos seus direitos, mesmo que, com uma certa fragilidade emocional, diante dos acontecimentos relatados, isto reverbera

no poder que os estudantes apresentam que é muito frágil, perante ao poder excedido por professores. Diante disto, para Santos; et al. (2016) temos que:

Autoridade é quando há um discurso dialógico, sem abusos, sem intimidações; é conquistada com respeito mútuo e se revela na forma amigável de resolução de conflito entre a comunidade escolar; sem amedrontar o aluno com ameaças e castigos. Já o autoritarismo extrapola, abusa da autoridade para oprimir, ofender, rebaixar e discriminar as pessoas. Uso desmedido do poder ou da hierarquia para impor vontades, determinando o que o aluno pode ou não fazer. (SANTOS; et al, p.10, 2016)

Além disso, Santos; et al. (2016) aponta que quando nos sentimos injustiçados sempre buscamos uma defesa, um modo de buscar um consentimento de justiça, demonstrar a realidade. A priori, essa busca visa estabelecer uma relação de ensino e aprendizagem mais simétricas.

Para prestar apoio e oferecer visibilidade às pautas estudantis as universidades possuem os Diretórios Centrais dos Estudantes (DCE's) o qual concebe um espaço importante de voz dos estudantes dentro das instituições e tem um papel fundamental na defesa de seus direitos e na promoção de uma educação de qualidade. Além disso, os DCE's também contribuem para a formação cidadã e política dos estudantes, incentivando-os a participar ativamente da vida acadêmica e da sociedade em geral. (UEM, 2023)

Algumas das atividades realizadas pelos Diretórios Acadêmicos (D.A.) incluem a organização de eventos culturais, sociais e esportivos, a promoção de debates, palestras e mesas-redondas sobre temas relevantes, o incentivo à pesquisa e à produção científica, a representação estudantil em conselhos e comissões da universidade, a mediação de negociações e conflitos individuais e coletivos e a prestação de serviços de apoio aos estudantes, como suporte psicológico e orientação profissional.

- **Questão 5** - Caso queira, complemente seu pensamento livremente.

Quadro 5 - Respostas Questão 5

Respostas	
A	(Deixou em branco)
B	Acho que se faz necessário que alunos percam o medo de impor limites em suas relações.
C	Penso que, muita coisa já mudou pra melhor no CE e compreendo que isso é um processo, além de que, cada experiência no centro é única e cada discente é único quanto a sua percepção de mundo e no quanto essas relações impactam na sua realidade. Como disse, a maior parte das minhas interações mais próximas com docentes foi muito positiva mas, com certeza, muitos colegas tiveram experiências totalmente opostas.
D	Acredito que as relações de poder entre docentes e discentes devem ser mais discutidas, principalmente no CE que é um espaço que forma docentes. Apesar de perceber uma maior relação de afetos e troca entre estudantes e professores, esse debate não pode ficar escondido no centro apenas por ter muitos professores com discursos belíssimos de empatia com aluno. É necessário que o discurso se torne realidade dentro da sala de aula.
E	Houve também um momento em que me senti coagida por outros professores e procurei a escolaridade para ir em busca de meus direitos

Fonte: Autoras, 2023.

Os argumentos apresentados no quadro 5, em sua maioria, nota-se que mesmo com o histórico dos ocorridos apresentado nas questões anteriores, os estudantes prezam por uma melhoria, oferecendo sugestões para a superação em relação ao exercício dispare do poder, apontando que as relações entre estudantes e professores devem ser mais discutidas, não somente em grupos específicos, mas na instituição de modo geral, uma forma de debater assuntos abertamente, troca de experiências entre docentes e discentes.

Podemos perceber a importância do diálogo entre professores e estudantes, de forma bilateral, contemplando ambas as partes, Gallo (2004) ressalta que a educação abrange mais que disciplinarização e defende uma “educação voltada para o cuidado de si mesmo e do outro, possibilitando novas formas de produção de si e de relações com os outro.” (GALLO, 2004, p. 95)

Em muitas universidades, as hierarquias são claramente definidas, com professores ocupando posições de poder e autoridade sobre os alunos. Isso pode levar a uma dinâmica de poder desigual, na qual os estudantes têm menos voz e poder de decisão do que o corpo docente.

No entanto, muitas universidades têm políticas e procedimentos para garantir que os alunos tenham voz e poder de decisão em questões que os afetam. Essas políticas podem incluir a participação dos alunos em comitês e órgãos governamentais da universidade, a possibilidade de sugestões e

reclamações por parte dos alunos, e a realização de pesquisas de satisfação dos estudantes para garantir que suas vozes sejam ouvidas.

É importante lembrar que a relação de poder na universidade não é fixa e pode mudar ao longo do tempo, à medida que as instituições se adaptam a novas realidades e demandas. É importante que os alunos se envolvam ativamente com a universidade e procurem oportunidades para fazer suas vozes serem ouvidas.

4.2 Análise crítica geral dos estudantes

Nesta seção analisaremos a relação entre os professores e estudantes, de forma geral, com base nos motivos explicitados por cada estudante sobre a qualidade das relações entre estudantes e professores.

Quadro 6 - Distribuição dos motivos explicitados pelos estudantes sobre a qualidade das relações entre estudantes e professores do CE.

MOTIVOS	ESTUDANTE
1 – A maioria dos professores demonstram empatia.	A
2 – É possível construir boas trocas.	B
3 – O abismo entre professores e estudantes está diminuindo.	C
4 – Existe uma preocupação no ce para um bom relacionamento entre professores e estudantes.	D
5 – Alguns professores são acessíveis, mas outros são arrogantes.	E

Fonte: Autoras, 2023.

Diante de todos os apontamentos realizados anteriormente e ao contemplarmos os motivos apresentados pelos estudantes no tocante à qualidade das relações entre estudantes e professores, é possível observar que as relações de poder perpassam todo corpo social, estando presente nos relacionamentos interpessoais, inclusive entre professores e estudantes.

Brandão (2017) explica que a educação possui várias formas, podendo-se alterar de acordo com o ambiente e fatores internos e externos para adequar-se ao meio de ensino, Lima Filho e Trompieri Filho (2012) ressaltam que por essa adequação a cada ambiente o modelo de educar se altera com o fim de capacitar para o convívio no meio social.

Dentre os motivos apresentados nas falas dos estudantes, é possível perceber que, mesmo que haja uma relação de poder assimétrica, os estudantes reconhecem que há um esforço por parte de alguns professores do Centro de Educação (CE) para tentar estabelecer uma relação horizontal e de igualdade, pautada na empatia (A); construção de boas trocas (B); aproximação aos estudantes (C) e acessibilidade (E). Além disso, o Centro de Educação e seus representantes também apresentam preocupações visando o estabelecimento de um bom relacionamento entre os corpos docente e discente (D).

A educação e os sujeitos que a realizam possuem sempre um potencial para a mudança, e são, em parte, autodetermináveis, isto é, possuem autonomia relativa. A educação é influenciada pelas dimensões econômica, política e cultural da sociedade, mas também influencia estas dimensões. Além da influência destas estruturas, a capacidade de auto-determinação dos agentes pedagógicos (incluindo educandos) é afetada por quatro fatores: o nível de conhecimentos dos integrantes da comunidade, o grau de consciência e organização coletiva, o desejo de mudança e as condições materiais disponíveis. Não existe educação sem pessoas: em parte, são elas que fazem a educação ser desta ou daquela forma, ao aceitar, resistir ou modificar as diretrizes e políticas definidas para esta prática social. (MOGILKA, p.16, 2003)

A educação e a conscientização são essenciais para prevenir o abuso de poder e para promover uma cultura de respeito é importante que as pessoas compreendam os próprios limites sociais. As instituições devem ser fortalecidas para garantir o cumprimento das leis e regulamentações para promover a justiça, e a equidade.

Por fim, é importante destacar que a luta contra as relações hierarquizadas nas universidades é uma tarefa coletiva, que envolve a participação ativa de toda a comunidade acadêmica, da sociedade civil e das autoridades governamentais. A superação desse problema requer o compromisso e a mobilização de todos os envolvidos em prol de uma universidade mais democrática, transparente e justa.

5 Considerações Finais

Este trabalho foi desenvolvido a partir de reflexões sobre as relações de poder entre professores e estudantes no curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A partir da análise bibliográfica e dos dados coletados através das respostas enviadas pelos estudantes, evidenciamos que, as vivências dos estudantes que participaram da pesquisa e apontaram que ainda é comum a presença de relações de poder hierarquizadas no Centro de Educação, que pode ser resultado de uma cultura institucional que tolera comportamentos inadequados, como a falta de transparência nas decisões e processos, a ausência de mecanismos efetivos de monitoramento e fiscalização das atividades dos gestores e professores, e a impunidade dos responsáveis por práticas abusivas.

Diante disto, é imprescindível que o Centro de Educação e seus integrantes (participantes e representantes) tenham um olhar atento a questões como estas. Dentre os entrevistados, todos relataram ter presenciado ou vivenciado experiências desconfortáveis em relação aos professores. Este é um dado notoriamente significativo e nos faz refletir sobre a qualidade das relações que estão sendo promovidas no espaço de formação de professores.

Apesar de haver escutas e diálogos (consulta institucional, ouvidoria da universidade, escutas acolhedoras) questões como essas ainda não receberam a devida visibilidade e este mal estar ainda não foi resolvido, é impreterível que comecemos a desenvolver estudos e estratégias para reverter este conflitante quadro.

Referências

ALMEIDA, Ítalo D'Artagnan. **Metodologia do Trabalho Científico**. Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: editora brasiliense, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ : Vozes, 26 ed. 2007.

UEM. **O que é o DCE?** Paraná: EUEM, 2023. Disponível em: <<http://www.dce.uem.br/o-que-e-o-dce>> Acesso em 10 de mar. 2023.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; CAMPOS, Claudinei José Gomes; TURATO, Egberto Ribeiro. **Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não-dirigidas de questões abertas por profissionais da saúde**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 14, p. 812-820, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade**. São Paulo: Verve - revista semestral autogestionária do Nu-Sol., n. 5, 2004.

_____, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 29.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Sion: Institut International des Droits de 1^o Enfant, p. 1-11, 2005.

_____, Moacir. **Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do conflito**. 13^a edição. 2003.

GALLO, Sílvio. **Em torno de uma educação menor**. Rio Grande do Sul: Educação & Realidade, v. 27, n. 2, 2002.

_____, Sílvio. **Repensar a educação: Foucault**. Rio Grande do Sul: Educação & Realidade, v. 29, n. 1, 2004.

GOOGLE WORKSPACE. **Formulários**. 2023. Disponível em <<https://workspace.google.com/intl/pt-BR/products/forms>> Acesso em 28 de fev. 2023.

LIMA FILHO, G. D.; TROMPIERI FILHO, N. **A educação como fonte e forma de poder**. Ceará: Revista Científica Semana Acadêmica, v.1, p. 1-12, 2012.

MAGALHÃES, Daniel Carvalho. **O poder em Foucault**. Monografia - Universidade Evangélica de Goiás. Goiás, p. 46, 2019.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9ª ed. rev. e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MOGILKA, Maurício. **O que é educação democrática?** Curitiba: EUFP, 2003.

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; SILVA, Maria Kélia da; PEREIRA, Suzana Paula de Oliveira. **Indisciplina e autoridade na escola**: descentramento e sentidos docentes. Rio de Janeiro: Revista Educação Online, n. 23, 2016.

TELES, Jorge; LÁZARO, André. **Educação, poder e autoridade docente**: tramas e sentidos na contemporaneidade. Santa Catarina: Revista Pedagógica, v. 16, n. 33, p. 307-323, 2014.

UFPE. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação**. Recife, out. 2007. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/documents/39399/0/PROJETO+PEDA/2bc1bdab-837f-4c06-9bf7-adfdb0dc4035>> Acesso em 02 de abr. 2023.

VEIGA-NETO, Alfredo; BRANCO, Guilherme Castelo. **Foucault**: filosofia & política. Autentica, 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo; RAGO, Margareth. **Figuras de Foucault**. Autêntica, 2013.